

Sobre *An Artist is Always Working*

Isabel Costa

Em 2020 Pedro Barreiro inicia a performance *An Artist is Always Working*. Esta é uma performance duracional, ainda sem data para terminar, que acontece a todas as horas e minutos, e que inclui todas as situações do dia-a-dia do artista. Pode ser acompanhada no site www.alwaysworking.art, onde são sincronizadas, em tempo real, as coordenadas geográficas do artista – o local onde está a acontecer a performance – e sinalizados todos os momentos em que o artista tem uma ideia. No final de cada mês o site emite um relatório destas actividades.

Este texto elabora sobre uma entrevista que fiz a Pedro Barreiro para a *ArteCapital* (<http://www.artecapital.net/entrevista-294-pedro-barreiro>), em fevereiro de 2021. Foi no contexto desta entrevista que iniciámos um diálogo sobre a performance *An Artist is Always Working*.

Aqui desenvolvo alguns dos pontos levantados nesta nossa conversa, também ela inacabada, e tento mostrar de que forma *An Artist is Always Working* desafia alguns dos conceitos que têm vindo a caracterizar a ontologia da performance arte.

1. O Paradoxo da Presença

Nos últimos quarenta anos, muito se tem discutido sobre a ontologia da performance. Uma das contribuições mais marcantes para esta discussão é a definição de Peggy Phelan no livro “Unmaked: The Politics of Performance” (1992), onde, ao referir-se à temporalidade da performance reclama que “a performance existe apenas no presente”.

Historicamente, na teoria da performance, o “momento presente” tem sido visto como o elemento crucial que constitui a sua existência e, conseqüentemente, como uma das principais características estéticas da performance arte.

Este conceito sublinha a ideia de que a performance pertence apenas ao presente. Esta ênfase numa só temporalidade abrange o evento e, além dele, o objeto ele mesmo, que, deste modo, “existe” apenas durante o momento da sua produção. Esta ideia implica que ambos, objeto e evento, aconteçam num único evento no tempo. Por outras palavras, uma vez que o objeto e o evento se extinguem no tempo, extinguem-se também no espaço. Se formos aplicar esta ideia em termos práticos no que diz respeito à persistência da performance no espaço, isto significa que os vestígios deixados pela performance, (depois do evento ocorrido) não são considerados como parte do evento, porque não pertencem ao único e efêmero momento presente.

Nos últimos anos, tem havido muitas tentativas para contrariar esta definição ontológica da performance. Recentemente, a ideia de que os vestígios deixados pelas performances que ocorreram no passado têm a possibilidade de continuar a ter performatividade, tem sido bastante enfatizada. Académicos como Philip Auslander, Amelia Jones, André Lepecki e Rebecca Schneider têm fortemente contribuído para esta ideia de que os vestígios das performances contêm performatividade e de que a performance tem de facto um “depois da vida”.

A expressão “depois da vida” convida-nos a pensar sobre a materialidade da performance arte depois do evento ter ocorrido, ou depois do seu acontecimento factual. O termo sugere que o material constitutivo da performance continua “vivo” depois do seu momento de produção.

Lançadas as cartas sobre as mais recentes teorias sobre a temporalidade da performance, podemos pensar onde se situa o trabalho *An Artist is Always*

Working de Pedro Barreiro. De que forma esta peça nos pode ajudar a pensar a ontologia da performance arte?

Faz parte da “estratégia” estética desta peça ser uma performance duracional sem fim definido. A performance acompanha a vida do artista e acontece durante todas as 24 horas do seu dia. Nesse sentido, não existe uma celebração do momento presente irrepetível, ou seja, de um momento único em que um grupo de pessoas é espectador desta performance que nunca mais se repete. Ao mesmo tempo, como a performance não tem um final, também não existem vestígios de um passado, e conseqüentemente não existe um “depois da vida” desta performance.

Assim, *An Artist Is Always Working* desafia esta definição da temporalidade da performance, mostrando-nos que esta não pertence apenas ao presente, mas sim a várias temporalidades ao mesmo tempo, sobretudo quando se equipara à vida.

1. A Desmaterialização do Objecto Artístico - A Conquista de Lucy Lippard

Num primeiro momento podemos ter a tendência de olhar para *An Artist Is Always Working* como um trabalho que pretende resistir ao mercado da arte. No entanto, ao contrário das políticas de desmaterialização da arte do final dos anos 60, onde a produção de trabalhos imateriais era considerada um escape ao mercado da arte, Pedro Barreiro não assume qualquer tentativa de proteger o seu trabalho de ser vendido ou exposto em teatros e galerias de arte. Pelo contrário, tem sido do seu interesse, além de encontrar apoios à realização da performance, vender esta peça como objecto artístico.

No entanto, as características estéticas deste trabalho prevêm uma desmaterialização contínua do objecto artístico, fazendo com que ele se dilua na própria vida do artista e que, por isso, seja tão difícil de “agarrar.”

Mas, afinal de que objecto artístico falamos quando analisamos *An Artist Is Always Working*? Na verdade, trata-se de um objecto artístico escorregadio e fugidio, que se transforma consoante a vida pessoal e artística de Pedro Barreiro. Esta difícil distinção é propositada da parte do artista, sendo a performance e a vida uma mesma coisa e ao mesmo tempo duas coisas diferentes.

Neste sentido, podemos dizer que o objecto opera como uma pequena sombra da própria vida, que aparece e desaparece. Esta pequena sombra pode também ser descrita como virtual, no sentido original da palavra, que significa literalmente algo que está prestes a realizar-se em força, em potência. As características deste objecto são tão invisíveis quanto eficazes. E esta sua matéria invisível contribui para a construção de um objecto desmaterializado e autónomo.

O contributo de Timothy Morton para a noção de objecto talvez nos possa ajudar a compreender melhor a ideia de objecto invisível presente no trabalho de Pedro Barreiro. Para Morton, o conceito de objeto como o conhecemos até hoje não possui densidade suficiente para o mundo em que vivemos. Ele sugere que hoje convivemos com objectos magnos como o capitalismo, o aquecimento global e o antropoceno, muito maiores do que o ser humano, impossíveis de agarrar, invisíveis, viscosos e líquidos.

Esta proposta de Morton, que amplia o conceito de objecto, ajuda-nos a enquadrar o trabalho de Pedro Barreiro nesta sua peça. Aqui encontramos um objecto que não está sempre presente e que se revela apenas quando nos damos conta dele. É um objecto que se desmaterializa a si mesmo, e que mesmo assim continua a existir. É também viscoso no sentido de agregar tudo aquilo com o qual interage, e muitas vezes invisível, por ser desempenhado pelo corpo do artista enquanto vive a sua vida.

3. Situação Expandida

Em *Escultura Como Espaço Expandido*, a historiadora de arte Rosalind Krauss desenvolve o conceito “campo expandido” para explicar como o conceito de escultura tem mudado ao longo do tempo. Neste ensaio, publicado em 1979, Krauss problematiza a noção clássica de escultura ao redefini-la através daquilo que chama a sua “condição negativa”. Nas suas palavras: “A escultura tornou-se aquilo que não é, sendo assim determinada por aquilo que está dentro de um espaço que não é o espaço.” Esta ideia de “espaço expandido” pode ajudar-nos a inscrever a proposta de Pedro Barreiro. Sugiro que troquemos a palavra “espaço” pela palavra “situação”. Se pensarmos numa “situação expandida” como algo que caracteriza *An Artist Is Always Working*, poderemos pensar, recorrendo à proposta de Krauss, que nesta performance acontece tudo o que está dentro de uma situação, mas que não é a situação em si.

Por exemplo, nas residências artísticas que o artista fez, no Espaço do Tempo, em Montemor, e na galeria de arte Zqm, em Berlim, na perspectiva da performance, que é contínua, o que está a acontecer durante a residência não é de facto a residência, mas sim a performance deste artista que está a trabalhar. Ou seja, não é a situação, mas o que a constitui, o que ela contém.

Mas até onde irá a situação expandida proposta por Pedro Barreiro? Podemos dizer que esta opera em várias dimensões. Em primeiro lugar, numa perspectiva espacial: A performance que Pedro Barreiro desempenha, a todas as horas e minutos dos seus dias, tem a interferência de todos os eventos da sua vida pessoal e profissional e também das pessoas que com ele interagem. Neste sentido, a performance não acontece num espaço circunscrito, mas em toda a parte onde está o artista, e por isso inclui toda a paisagem física e humana que o envolve nas suas ações quotidianas.

Esta situação expandida opera também numa dimensão temporal. Não tendo a performance um princípio e um fim, a performance, no caso a situação de estar sempre a trabalhar, está estendida no tempo desde novembro de 2020 e é esta mesma situação que temos vindo ver desenvolver-se ao longo do último ano.

Uma outra dimensão da situação expandida é a forma como este trabalho desafia as instituições estéticas que o acolhem. Como acolher uma performance que não tem princípio nem fim? Como comunicar a performance de um artista que se confunde com a sua própria vida? *An Artist Is Always Working* estende-se para dentro do funcionamento das instituições que a programam, sendo estas obrigadas a compreender e dialogar com o conceito da performance.

À data de hoje, o artista já foi programado em Alcanena, Góis, Oliveira do Hospital e Castelo Branco, para além de duas residências, uma em Montemor e outra em Berlim. Todas estas apresentações aconteceram durante um período de dias, por exemplo, a partir das 12 horas do dia 9 de dezembro, até ao final do dia de 11 de dezembro, como foi o caso de Alcanena. Nos cartazes e site que anunciam a performance de Pedro Barreiro pode ler-se: “O contacto com esta peça poderá ser feito 24 horas por dia através do site www.alwaysworking.art mas também ser feito por via presencial, seja através da observação voyeurística do que o artista estiver a fazer, seja em interlocução directa - possibilidade garantidas pela indicação permanente dos lugares geográficos nos quais o artista se vai situando.”

A estratégia estética de Pedro Barreiro está para além de pensar na performance ela mesma, mas sim na complexa tarefa de fazer funcionar esta operação conceptual.

4. Dialogando com o Modelo do Apoio às Artes

Além da dimensão performática que existe na fronteira entre a arte e a vida, esta peça tem também um suporte digital através do site alwaysworking.art, que pode ser consultado pelos espectadores. Neste site podemos ler a descrição deste trabalho, consultar onde está o artista a cada momento, através de um GPS que o artista carrega consigo, e ainda ler relatórios mensais, que apresentam quantas ideias o artista teve naquele mês, e várias estatísticas considerando a hora, os locais físicos e o dia da semana em que teve mais ideias.

Ao ler esta informação no site, é inevitável não pensar nos relatórios de actividades artísticas que os artistas portugueses são obrigados a fazer para recorrer a apoios financeiros. Esta lógica, aparentemente semelhante de comprovar resultados, presente nesta peça, é uma forma de ironia quanto ao sistema de apoio às artes.

Nesta peça, Pedro Barreiro ao mesmo tempo que corresponde a esta demanda burocrática tornando-a uma opção estética, constrói uma crítica a essa mesma demanda. Esta ironia está presente nas suas apresentações presenciais, que se limitam à presença física do artista que aponta as suas ideias, e também no site através da apresentação de gráficos, mapas e dados estatísticos sobre a sua actividade.

Aqui fica esta minha reflexão, também inacabada, tal como a performance *An Artist Is Always Working* e a minha conversa com o Pedro Barreiro.